ISSN: 2358-8829

PEDAGOGIA WALDORF E ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS INCLUSIVAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Aline Maria de Souza Florencio [1]

INTRODUÇÃO

O interesse pela temática surgiu a partir da atuação da autora como apoio pedagógico em uma escola Waldorf, na qual acompanhava diretamente uma criança com deficiência visual durante a realização de atividades manuais no jardim de infância.

No início de sua trajetória no Ensino Fundamental, a criança participou do ritual do arco de flores, que marca simbolicamente a transição do jardim de infância para o 1º ano. Na ocasião, as professoras do jardim de infância, denominadas jardineiras, organizaram um caminho sensorial composto por folhas e flores, pelo qual a criança percorreu sozinha o trajeto até o encontro com sua nova professora. Essa experiência despertou o interesse em compreender as contribuições da Pedagogia Waldorf para o processo de alfabetização de uma criança cega em uma escola orientada por essa abordagem pedagógica.

Embora este estudo não tenha a pretensão de esgotar a temática, compreende-se que ele representa uma pequena semente que poderá germinar, aprofundar-se e ampliar-se por meio de futuras investigações. Acredita-se, contudo, que esta pesquisa possa contribuir para o debate acerca da inclusão escolar de crianças com deficiência visual em propostas pedagógicas de caráter humanístico.

Diante desse contexto, o objetivo desta pesquisa foi compreender os princípios que norteiam a Pedagogia Waldorf e suas relações com o processo de alfabetização de uma criança com deficiência visual, bem como identificar práticas pedagógicas que favoreçam esse percurso.

[1] Pós-graduanda do Curso de Pedagogia Social e Educação Especial e Inclusiva da Faculdade Iguaçu- PR, alinemariaflorencio@gmail..com.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Como procedimentos de coleta de dados, foram realizadas a observação de 20 aulas e uma entrevista com a professora regente da turma investigada. A fundamentação teórica apoia-se nas contribuições de Steiner (1996; 2012), Lanz (2005), Berlot (1995), entre outros autores.

Os resultados apontam que o trabalho pedagógico desenvolvido no contexto da Pedagogia Waldorf contribui para o processo de alfabetização da criança cega, evidenciando uma concepção ampliada do ser humano e de sua formação integral, contemplando as dimensões física, anímica e espiritual.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, por compreender que os processos educativos envolvem dimensões subjetivas, relacionais e simbólicas que não podem ser reduzidas a dados quantitativos. Segundo Minayo (2015), a pesquisa qualitativa dedica-se ao universo dos significados, das experiências e das relações humanas, possibilitando uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos sociais e educacionais.

Quanto aos objetivos, a investigação possui caráter exploratório, uma vez que busca ampliar as discussões acerca das contribuições da Pedagogia Waldorf para o processo de alfabetização de crianças com deficiência visual, temática ainda pouco explorada no campo acadêmico (GIL, 2006).

Os procedimentos metodológicos foram desenvolvidos por meio de revisão bibliográfica e pesquisa de campo. A revisão bibliográfica fundamentou-se em autores que discutem a Pedagogia Waldorf, a Antroposofia, a alfabetização e a deficiência visual, possibilitando a construção do referencial teórico da pesquisa e a articulação entre educação inclusiva e práticas pedagógicas humanísticas.

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola fundamentada na Pedagogia Waldorf, localizada na Região Metropolitana do Recife–PE, tendo como foco uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental na qual estava matriculada uma criança com deficiência visual. O estudo surgiu a partir da atuação da autora como apoio pedagógico na instituição,

acompanhando diretamente o cotidiano escolar da criança e suas experiências de aprendizagem.

A coleta dos dados ocorreu por meio da observação das aulas e da realização de entrevista semiestruturada com a professora regente da turma. As observações buscaram compreender como se desenvolvia o processo de alfabetização da criança cega no contexto da Pedagogia Waldorf, considerando os recursos pedagógicos utilizados, as experiências sensoriais propostas, as interações em sala de aula e as estratégias inclusivas presentes no cotidiano escolar.

Durante a investigação, foram observadas práticas relacionadas à oralidade, às narrativas, aos ritmos, às vivências artísticas, à exploração tátil e ao uso do sistema Braille como instrumento de alfabetização. Também foram analisadas as experiências com materiais concretos e coletivos, compreendendo de que forma essas práticas favoreciam a participação da criança com deficiência visual no processo educativo.

A análise dos dados ocorreu de maneira descritiva e interpretativa, articulando as observações realizadas em campo com os referenciais teóricos estudados. Dessa forma, buscou-se refletir sobre as possibilidades da Pedagogia Waldorf enquanto prática educativa inclusiva, comprometida com o desenvolvimento integral da criança e com a construção de experiências significativas de alfabetização.

Ressalta-se que esta pesquisa foi desenvolvida a partir da observação de uma única turma, o que constitui um recorte específico da realidade investigada. Ainda assim, considera-se que o estudo contribui para ampliar as discussões acerca da alfabetização de crianças com deficiência visual em contextos pedagógicos humanísticos, especialmente diante da escassez de produções acadêmicas que articulem Pedagogia Waldorf, inclusão escolar e deficiência visual.

REFERENCIAL TEÓRICO

FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA WALDORF

A primeira escola Waldorf surge em 7 de setembro de 1919, em Stuttgard, Alemanha, tendo como primeiro espaço para discussão sobre as bases da pedagogia que ali propunha Steiner, o depósito da fábrica de cigarros Waldorf, de Emil Molt, de onde vem o nome da pedagogia. No discurso de inauguração da escola (CARLGREN e KLINGBORG, 2005, p.18), seu idealizador destaca:

ISSN: 2358-8829

> Aquele que disser que a ciência Espiritual de orientação antroposófica funda a Escola Waldorf e pretende agora introduzir nela sua visão do mundo – digo isto hoje no dia da inauguração – não estará proferindo uma verdade. Não temos interesse algum em ensinar ao jovem nossos princípios, o teor de nossa visão do mundo. Não é nosso objetivo dar uma educação dogmática. Nosso objetivo é que aquilo que conseguimos conquistar através da Ciência Espiritual se torne ação viva de educação.
> (Steiner *apud* CARLGREN e KLINGBORG, 2005, p.12)

A ciência espiritual de que fala Steiner compreende o homem como uma unidade harmônica físico-anímico-espiritual e sobre esse princípio fundamenta toda a prática educativa. O currículo, a organização do ano letivo, o foco na educação pela arte, a divisão da trajetória educacional em setênios, o estímulo ao entendimento do ser humano baseado em quatro temperamentos, o ensino por épocas e, principalmente, por considerar o homem como dotado de corpo, alma e espírito são algumas das diretrizes que norteiam uma escola Waldorf.

Entendemos melhor tais pontos quando, no plano geral, percebemos que os princípios da pedagogia Waldorf são baseados na trimembração do organismo social, influência dos ideais norteadores da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, onde se tem liberdade (no pensar) com responsabilidade, igualdade (jurídico-legal) de deveres e direitos e fraternidade como respeito mútuo regendo as instituições Waldorf. Podemos citar ainda a observação e estudo dos três grandes âmbitos do desenrolar da vida humana – Ciência, Religião e Arte. Estes campos do conhecimento ligam-se, mas independem-se e, no caso da dinâmica antroposófica, primeiro se tornam experiências passadas aos alunos sempre em busca de um equilíbrio do ser humano entre setores que são micro representações do corpo, da alma e do espírito. A solução de um problema ou uma dificuldade enfrentada por um aluno pode estar em um campo mais sutil de observação do ser humano.

Neste sentido, a pedagogia supracitada preza por um olhar sempre atento à outras pistas mais sutis para que se defina uma atitude a tomar. É o que nos revela o incrível caso descrito pelo médico escolar Dr. Eugen Kolisko sobre uma determinada criança de 7 anos, que tinha acabado de entrar na escola e que apresentava dificuldades específicas.

> Seu andar era desengonçado e vacilante, sem segurança. Ele era muito pálido, sua face alongada, o maxilar inferior caído, a testa apresentava rugas sombrias [...] Todo o rosto era como uma espécie de máscara, que não podia ser penetrada pelo anímico. Ele não podia participar das aulas regulares, mas

> freqüentava a classe especial. Rudolf Steiner confiava em sua cura. Ele descreveu como as forças formadoras e plasmadoras, que atuam em todo organismo vivo não tinham a capacidade de penetrar além de uma parte da cabeça daquele menino. Steiner aconselhou uma série de medidas de ordem médica e pedagógica. Após alguns meses o menino já foi capaz de sorrir, ele despertou, não teve mais acessos de raiva e mostrou-se um menino realmente agradável, cuja existência antes não era notada.
> (CARLGREN e KLINGBORG, 2005, p.19)

"Forças plasmadoras". Naquela que pode soar como uma estranha expressão do complexo vocabulário peculiar à antroposofia, reside uma das chaves de diferenciação da pedagogia Waldorf: a observação sutil do ser humano e o olhar atento para a ação do anímico através do entendimento da formação dos corpos. São estas algumas das atitudes pedagógicas que podem ser auxiliadas por princípios norteadores dessa ação do educador Waldorf. Explicando melhor, "existem tipos humanos baseados na constelação de seus corpos" (LANZ, 2005, p. 70). Tais corpos de que falamos são:

CORPO FÍSICO: É o corpo material, visível, composto de substâncias químicas e de sistemas orgânicos. Podemos ver ao longo dos anos as modificações que tal corpo sofre pela atuação dos outros corpos. Sobre isso Steiner usa o termo forças plasmadoras, como está demonstrado no exemplo citado acima, onde ele enxerga tal atuação pela observação física e fisiológica do indivíduo.

CORPO ETÉRICO: É o chamado corpo vital, onde se encontram o conjunto de forças que dão vida ao ser e fazem esse ser diferenciar-se de estruturas orgânicas mais simples, como é o caso dos corpos dos minerais. Aqui residem as forças plasmadoras do corpo físico, no qual elas atuam a partir da influência do plano etérico, que é algo possível de ser explicado com a ajuda da ciência espiritual; um universo em que a ciência convencional nunca ou muito raramente adentra.

CORPO ASTRAL: É o corpo de sentimentos, feito de algo ainda mais sutil que o corpo etérico. Comparando um animal com uma planta, percebemos claramente a presença do corpo astral no primeiro, pois o segundo não sente dor ou frio, não guarda lembranças ou sensações, não reage da mesma forma, pois os vegetais não possuem corpo astral. Este é o corpo que nos transmite a ligação com as forças universais do todo.

CORPO DO EU: Próprio do ser humano, este é o corpo responsável por dotar o homem de uma personalidade. "O eu pensa, sente e deseja através de seus corpos inferiores, o eu ama e odeia, cobiça e renuncia, comete atos bons e maus" (LANZ, 2005, p. 25). Nada disso, por exemplo, faz o animal.

A denominada “constelação de corpos” significa o modo como tais corpos se organizam em determinado ser. De acordo com isso, teremos em vista os quatro temperamentos de que fala Steiner: fleumático, melancólico, sanguíneo e colérico.

A partir do entendimento desses tipos humanos, o educador Waldorf atua, dentro de uma orientação de respeito e liberdade, para o melhor desenvolvimento desse aluno.

O muito que há para se falar sobre isso é incompatível com os limites deste trabalho. Desejamos por enquanto elencamos aquilo que, dentro da pedagogia Waldorf, consideramos importante para um efetivo apoio à educação de crianças cegas, numa perspectiva verdadeiramente possível. Passamos assim a tratarmos do currículo e da dinâmica cotidiana de uma escola centrada nesta pedagogia.

O CURRÍCULO WALDORF

Há na pedagogia Waldorf a divisão do currículo em setênios, como ocorria na cultura grega, que dividia a vida humana em ciclos de sete anos. Assim, Steiner classificou o desenvolvimento das pessoas em etapas de 7 anos, e embora estas possam ser observadas até o fim da vida, para finalidades escolares, ele restringe essa observação dentro da escola até os 21 anos de idade, quando o sujeito alcança a maturidade social. Em resumo, temos sobre isso a explicação de Mizoguchi (2006).

> De 0 a 07 anos : A criança sente o mundo por inteiro está aberta ao mundo; tem confiança ilimitada; recebe impressões sensoriais; não elabora julgamento ou análise; está na fase do desenvolvimento motor; as percepções inadequadas são armazenadas no inconsciente (não compreende o pensamento dos adultos); o aprendizado por imitação; o educador Waldorf deve ser digno de ser imitado, pois nessa imitação inconsciente estará fundamentando sua moralidade futura. Característica: O bom.
> De 07 a 14 anos (maturidade sexual): Desenvolvimento anímico; emancipação da vida corporal; interage e reage aos estímulos que recebe; necessita de explicações conceituais; interesse pela admiração que as coisas causam; vivência na área dos sentimentos; puberdade (12/14 anos) perturba a harmonia anímica; o professor Waldorf deve saber o que é bom ou não para seu aluno e entusiasmá-lo, deve ter “autoridade amorosa”; Característica: O belo.
> De 14 a 21 anos (maturidade social): Liberdade das forças anímicas; desenvolvimento do lógico, analítico e sintético; separa-se do mundo (vê o mundo de fora); quer explicações conceituais e intelectuais; quer ser compreendido; o professor Waldorf deve ser digno de respeito. Característica: O verdadeiro.

O método de ensino fundamenta-se no ritmo das fases do processo de aprendizagem: o reconhecimento, a compreensão e domínio dos conteúdos passa pelo seguinte caminho:

> 1) vivenciar, observar, experimentar; 2) recordar, descrever, caracterizar, anotar; 3) processar, analisar, abstrair, generalizar (elaboração de teorias). Lembrando que não se deve chegar à consolidação de resultados em uma só aula. Depois da vivência (1) e da descrição (2), intercala-se uma pausa, por meio da qual o aluno pode se distanciar, também durante a noite, daquilo que assimilou. O último passo é dado apenas no dia seguinte. Dessa maneira, a Pedagogia Waldorf procura respeitar a polaridade entre sono e vigília, já que o desenvolvimento de capacidades não apenas cognitivas, mas também anímicas, pressupõe a polaridade entre aprender e esquecer, consciência e inconsciência, vigília e sono.

A aula na pedagogia Waldorf representa, microcosmicamente, a visão mais geral do percurso educativo completo pensado por esta pedagogia. A observação e entendimento sensível de cada uma das etapas descritas nos revela um trabalho constantemente repensado em conjunto, com forte auxílio das famílias , o que cria um ambiente distanciado do dogma, da receita pronta, em que se transformam muitas tentativas pedagógicas, sobretudo aquelas que se arvoram no campo da deficiência visual e de outras especialidades.

Em acordo com essa gradação, Steiner apropria-se do ensino por épocas, onde as matérias são ensinadas de forma concentrada, e não distribuídas ao longo do ano, o que resulta quase sempre em uma constante mudança de foco e na inoperância dos vários conteúdos ensinados, pois dificilmente aí as disciplinas conseguem manter uma interligação e uma dialogicidade fundante. “Não queremos cansar as crianças intelectualmente, mas sim conservar sua capacidade sadia de assimilação” (LANZ, 2005, p.127/128). Para esse fim é que do 1º ao 9º ano a turma fica sob a responsabilidade de um único professor, ou seja: o professor de classe acompanha todo o desenvolvimento dessa turma desde que a assume, quando esta sai do jardim de infância e apenas nesse momento tem início a sua alfabetização, pois até o período de zero a sete anos requer uma maturação dos corpos anteriormente falados. Como vemos, há neste sistema pedagógico uma preocupação ampla e prioritária com o ser humano e sua formação anímica e espiritual. Principalmente o indivíduo cego necessita deste cuidado e a escola é aquela que deve ser a entidade encabeçadora no processo de maturação da aprendizagem, já que só ela tem a capacidade de promover uma união social em torno desse fim.

Dentre os vários recursos pedagógicos elaborados diariamente pela prática dos professores Waldorf, alguns já estão incorporados ao currículo desse tipo de escola e não são vistos como recursos pedagógicos, mas sim ganham status de disciplina, dentre as quais podemos citar, portanto: a marcenaria, a jardinagem, a euritmia, o desenho, a

aquarela, a música, a modelagem, a culinária e o artesanato (tricô, tear, crochê, costura etc.).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DEFICIÊNCIA VISUAL

Compreende-se por deficiência visual a perda total da visão ou a baixa visão, podendo ser congênita ou adquirida ao longo da vida.No Brasil, a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) define pessoa com deficiência como aquela que possui impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial que, em interação com barreiras, podem dificultar sua participação plena e efetiva na sociedade.

A pessoa com deficiência visual utiliza diferentes recursos para compreender e interagir com o mundo. Entre eles destacam-se o sistema Braille, a bengala, os materiais adaptados e as habilidades perceptivas táteis e sinestésicas.De acordo com Silva (2006), a cegueira não impede o desenvolvimento da criança, mas exige uma organização diferenciada dos estímulos sensoriais e das experiências de aprendizagem.

Nesse sentido, a alfabetização em Braille deve ocorrer desde os primeiros anos escolares, favorecendo o desenvolvimento da autonomia e da linguagem escrita.

O Sistema Braille foi desenvolvido por Louis Braille no século XIX, na França, após o autor perder a visão ainda na infância. O sistema é composto por combinações de seis pontos organizados em duas colunas verticais, formando diferentes símbolos que representam letras, números e sinais matemáticos.

A aprendizagem do Braille, associada a experiências concretas e sensoriais, favorece o desenvolvimento da percepção tátil e da compreensão simbólica da linguagem escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados produzidos durante a pesquisa evidenciam que a Pedagogia Waldorf apresenta contribuições significativas para o processo de alfabetização da criança com deficiência visual, especialmente por valorizar experiências sensoriais, artísticas e concretas no cotidiano escolar. As observações realizadas na turma do 1º ano do Ensino Fundamental permitiram compreender que o processo educativo acontecia de forma integrada, considerando não apenas o desenvolvimento cognitivo da criança, mas também seus aspectos emocionais, sociais e corporais.

Durante o período de observação, percebeu-se que a alfabetização era conduzida de maneira processual e imagética, partindo de histórias, ritmos, poesias, músicas e vivências artísticas. As letras não eram apresentadas inicialmente como símbolos abstratos, mas surgiam a partir das imagens construídas coletivamente nas narrativas trabalhadas pela professora. Essa dinâmica favorecia a construção de vínculos afetivos com a linguagem e ampliava as possibilidades de participação da criança com deficiência visual nas atividades desenvolvidas em sala.

Observou-se que as práticas pedagógicas estavam fundamentadas em experiências concretas e multissensoriais. A exploração tátil ocupava lugar central nas atividades, permitindo que a criança cega acessasse os conteúdos de maneira significativa. O uso da cela Braille confeccionada com bandejas de ovos possibilitou a compreensão concreta da organização dos pontos do sistema Braille, favorecendo o reconhecimento das letras e o desenvolvimento da percepção tátil. Além disso, o fato de todas as crianças participarem da atividade contribuiu para a construção de uma experiência coletiva de inclusão, fortalecendo relações de empatia e cooperação entre os estudantes.

As observações também demonstraram que os ritmos, versos, poesias e trava-línguas utilizados durante as aulas contribuíam para o desenvolvimento da oralidade, da consciência fonológica e da memorização dos sons das palavras. Tais elementos mostraram-se especialmente importantes para a criança com deficiência visual, uma vez que a linguagem oral assumia papel fundamental na mediação das aprendizagens.

Outro aspecto relevante identificado na pesquisa refere-se à organização do ambiente pedagógico. A rotina estruturada, o ritmo das atividades e a valorização das experiências corporais e artísticas favoreciam a construção de segurança emocional e autonomia da criança no espaço escolar. Nesse contexto, a inclusão não se restringia ao acesso ao conteúdo acadêmico, mas envolvia também experiências de pertencimento, participação coletiva e reconhecimento das singularidades presentes na turma.

A entrevista realizada com a professora regente revelou que a Pedagogia Waldorf oferece possibilidades pedagógicas importantes para o trabalho com crianças com deficiência

visual, principalmente por compreender o processo de aprendizagem de maneira integral. Segundo a docente, o trabalho com narrativas, imagens, música, movimento e materiais concretos amplia os caminhos de acesso ao conhecimento e permite respeitar diferentes tempos e formas de aprendizagem.

Os dados analisados dialogam com os estudos de Lanz (2005), ao evidenciarem que a proposta pedagógica Waldorf busca integrar pensamento, sentimento e ação no processo educativo. Também se aproximam das reflexões de Silva (2006), ao demonstrar que a deficiência visual não impede o desenvolvimento da criança, mas exige a organização de experiências sensoriais diferenciadas e práticas pedagógicas acessíveis.

Entretanto, a pesquisa também evidencia a necessidade de ampliação das discussões acadêmicas acerca da relação entre Pedagogia Waldorf, inclusão escolar e deficiência visual, considerando a escassez de produções científicas sobre a temática. Além disso, destaca-se que o estudo foi realizado em uma única turma, constituindo um recorte específico da realidade observada. Ainda assim, os resultados apontam possibilidades relevantes para a construção de práticas pedagógicas mais humanizadoras, sensíveis e inclusivas nos processos de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa, compreendemos que a Pedagogia Waldorf, fundamentada em uma perspectiva humanística e integral do ser humano, apresenta contribuições significativas para o processo de alfabetização da criança com deficiência visual no ambiente escolar.

O olhar atento às singularidades da criança, a organização rítmica do currículo e da rotina escolar, o uso de materiais concretos e artísticos, bem como a valorização das experiências sensoriais, corporais e estéticas, favorecem a construção de um processo de aprendizagem mais inclusivo e significativo. A atmosfera acolhedora presente na escola Waldorf também se mostra relevante para o fortalecimento da segurança emocional e da autonomia da criança cega.

Observou-se, durante a pesquisa de campo, que os métodos de ensino utilizados nas Escolas Waldorf possibilitam que o aprendizado aconteça de forma viva, artística, poética e diversificada, respeitando os diferentes tempos e modos de aprendizagem presentes na sala de aula. Nesse contexto, a alfabetização ultrapassa a mera aquisição técnica da leitura e da escrita, constituindo-se como um processo de formação integral do sujeito.

Além disso, o trabalho com histórias, ritmos, imagens, poesias e experiências táteis amplia as possibilidades de participação da criança com deficiência visual, promovendo não apenas o acesso ao conhecimento, mas também experiências de pertencimento e convivência coletiva.

Por fim, entende-se que a Pedagogia Waldorf pode contribuir de maneira significativa para as discussões acerca da educação inclusiva, especialmente no que se refere à alfabetização de crianças com deficiência visual. Entretanto, reconhece-se a necessidade de ampliação das pesquisas nessa área, considerando a ainda reduzida produção acadêmica que articula Pedagogia Waldorf, inclusão escolar e deficiência visual. Dessa forma, este estudo busca lançar novas reflexões e incentivar futuros aprofundamentos sobre práticas pedagógicas inclusivas fundamentadas em uma educação sensível, artística e humanizadora.

Palavras-chave: Pedagogia Waldorf, alfabetização, deficiência visual, educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

BERTALOT, Leonore. **Criança querida: o dia a dia da alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1995.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, ano 152, n. 127, p. 2, 7 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 10 abr. 2026.

CARLGREN, Frans; KLINGBORG, Arne. **Educação para a liberdade: a pedagogia de Rudolf Steiner**. São Paulo: Antroposófica, 2005.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. In: _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 41-57.

LANZ, Rudolf. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. São Paulo: Antroposófica, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). ***Pesquisa social: teoria, método e criatividade.*** 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MIZOGUCHI, Shigueyo. Rudolf Steiner e a pedagogia Waldorf. In: **Coleção memória da pedagogia: perspectivas para o novo milênio.** Rio de Janeiro: Ediouro, n. 6, 2006.

SILVA, L. G. S. Estratégias de ensino utilizadas, também, com um aluno cego, em classe regular. In: MARTINS, L. A. R. et al. (Orgs.). **Inclusão: compartilhando saberes.** Petrópolis: Vozes, 2006.

STEINER, Rudolf. **Metodologia e didática: a arte da educação II.** 3. ed. São Paulo: Antroposófica, 2016.